

NÓS CAMINHAMOS COMO PROFETAS NA FÉ DE ABRAÃO

(Homília proferida pelo Superior Geral Pe. Bernard Hylla, C.R., durante a Missa de encerramento do XXXII Capítulo Geral da Congregação da Ressurreição de Nosso Senhor Jesus Cristo – Roma, 21 de junho de 2011)

Gn 15,1-12.17-18; Mt 7,15-20

Carissimi Fratres,

Depois de três semanas de Capítulo Geral – tempo que vivemos como tempo de fé, oração, discernimento, avaliações, discussões e planificações – eis o momento de concluir este evento histórico.

A Palavra de Deus que nos é dirigida hoje elucida o percurso que estivemos percorrendo.

1.

A primeira leitura nos apresenta a magnificente pessoa de Abraão. O autor da Carta aos Hebreus se maravilha com a fé dos Patriarcas. A passagem do Livro de Gênesis, que narra o diálogo entre Deus e Abraão sob o céu adornado com numerosas estrelas, usa – pela primeira vez na Bíblia – o verbo “crer”. Esta fé não é algo fácil, porque a realidade não reflete a promessa recebida; o futuro não se apresenta como um resultado evidente de um cálculo. Apesar disso, Abraão acredita nas palavras de Deus. Por isso, Deus considera Abraão justo e íntegro e confirma a Sua promessa através de uma antiga cerimônia ancestral.

Nossas Constituições falam muitas vezes e em vários lugares sobre a fé, mas é provavelmente no parágrafo 191 que essa é descrita em um modo mais complexo e belo:

Para o Ressurreicionista, o apostolado representa um chamado através de Cristo para liderar uma vida apostólica imbuída com uma fé profunda e estável, “*sem a qual é impossível ser agradável a Deus*” (Hb 11,6). A fé é uma condição necessária para uma efetiva atividade apostólica. O religioso deve rezar pedindo esta fé junto com os apóstolos: “*Senhor, aumenta nossa fé*” (Lc 17,5). Essa fé permeará a vida inteira do religioso, mobilizando seus esforços no apostolado.

Portanto, aceitemos os frutos do trabalho do nosso Capítulo com a fé de Abraão e profundamente permeados por esta fé, retornemos as nossas atividades ministeriais!

Neste mesmo espírito, Pe. Pedro Semenenko escreveu em seu Diário (no dia 30 de abril de 1869):

O fundamento da vida é a vontade de Deus. A alavanca e a mola – o amor por esta vontade de Deus; o objetivo e a realização – seu cumprimento. Todavia, para que tudo isso aconteça, é necessário que exista um forte vínculo com este fundamento, porque se não for assim, quer dizer que não somos fundamentados nesta vontade divina. Deve existir uma junção com esta mola, com este objetivo. A base é a fé. Portanto, a fé é o fundamento do fundamento.

2.

No Evangelho de hoje, Jesus lança uma série de advertências aos falsos profetas. Os falsos e verdadeiros profetas já existiam no tempo do Antigo Testamento. Amós e Jeremias, por exemplo,

lutaram incessantemente contra os falsos profetas. Algumas vezes é difícil reconhecer os falsos profetas, porque eles se apresentam como ovelhas inocentes. Com esta finalidade, Jesus propõe o seguinte: *Pelos seus frutos os conhecereis*.

Nós temos em nossas mãos os frutos do Capítulo. Estamos satisfeitos pelos frutos colhidos. Mas apesar disso, nós também queremos retornar aos nossos Irmãos como profetas verdadeiros e para isso temos que testemunhar estes frutos com audácia, sem medo até mesmo de colocar em risco nossas vidas. A este propósito, lembremos as palavras que o Beato João Paulo II nos propõe em sua exortação *Vita Consecrata* (84).

O profeta sente arder no coração a paixão pela santidade de Deus e, depois de ter acolhido a palavra no diálogo da oração, proclama-a com a vida, com os lábios e com os gestos, fazendo-se porta-voz de Deus contra o mal e o pecado.

Mais uma coisa. Nosso Santo Padre Bento XVI, durante a audiência na qual a delegação dos nossos padres capitulares oficialmente participou na quarta-feira, dia 15 de junho de 2011, falando sobre o profeta Elias, enfatizou o fato que

(...) com a sua intercessão, Elias pede a Deus o que o próprio Deus deseja realizar, manifestar-se em toda a sua misericórdia, fiel à sua realidade de Senhor da vida que perdoa, converte, transforma.

È este Deus que nós deveríamos levar às nossas comunidades, às pessoas entre as quais vivemos e trabalhamos.

3.

Ao fim desta reflexão, me permitam de retornar mais uma vez à nossa história. Nestes últimos dias falamos tanto sobre finanças e dívidas. Já Pe. Jerônimo Kajsiewicz, no final de suas *Memoirs* (1871) escrevia:

(...) a casa central em Roma, juntamente com o noviciado e o seminário, não tem nenhuma renda regular. A vinha que possuímos perto de Roma rende somente o necessário para ser mantida. Além disso, só em Roma devemos sustentar aproximadamente trinta pessoas, sem contar os custos dos serviços e da manutenção da igreja. Nos últimos trinta anos a providência divina tem tomado conta do nosso pão de cada dia; e embora estejamos sempre com dificuldades financeiras e constantemente em necessidade, nunca tivemos grandes dívidas. Seja de uma fonte ou de outra, o auxílio sempre vem ao nosso encontro, freqüentemente no momento em que somos ameaçados de acabar em uma ruína definitiva. Quando olhamos para os últimos trinta anos desta nossa vida, nós mesmos freqüentemente nos surpreendemos. Vemos que isso pode somente ser um milagre, uma prova que a misericórdia tem sido derramada sobre nós, uma bênção sobre um pequeno grupo.

Portanto, com a fé de Abraão, sigamos pela nossa estrada como verdadeiros profetas! Sigamos com a fé dos nossos Antepassados, dos quais os relicários se encontram aqui, onde celebramos esta Eucaristia! Deixemos a hospitalidade da Casa Romana e retornemos em segurança às nossas casas.

Christus surrexit vere. Alleluia.

Pe. Bernard Hylla, C.R.
Superior Geral